

Maciel
Diretor

"O Globo" - 23.6.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

UMA IDÉIA

DOIS plantadores de café — um do Paraná, outro do Espírito Santo — que consultei separadamente sobre o plano do Sr. Marcos de Sousa Dantas tiveram a mesma reação: "Não dá certo... é bonito no papel, mas na prática..." E como eu perguntasse mais, os dois deram as mesmas respostas: "Ninguém pode fiscalizar a derrica... muita gente vai esconder café..." O projeto do Sr. Marcos de Sousa Dantas seduz pela sua novidade e pela sua lógica; parece um ovo de Colombo. Estamos com cerca de 40 milhões de sacas de café estocadas. A safra 60-61 é pequena, de 25 a 29 milhões de sacas, mas a seguinte se anuncia muito grande, talvez mais de 45 milhões.

O que se está fazendo hoje é o seguinte: com os recursos do chamado confisco cambial (diferença entre o valor lá fora e aquele que é pago em cruzeiros ao exportador) o Instituto compra os excessos das safras e os armazena. Emprega nisso os milhões dos ágios. A perspectiva é péssima: nossos estoques tendem a aumentar de maneira assustadora; necessitaremos de mais armazéns para guardar essa montanha de café que vem por aí, e cuja presença terá um efeito deprimente sobre o mercado internacional. O Sr. Sousa Dantas propõe: Por que, no lugar de colhêr, beneficiar, ensacar, transportar e armazenar os excedentes para então indenizar o produtor, não o indenizamos pelo café que ele deixar de colhêr, derricando as floradas? Se cada lavrador derriçar a florada de um em cada dois pés de café, teremos no futuro estoques muito menores e faremos uma enorme economia em trabalho, sacaria, transporte e armazenagem. A redução dos estoques animaria automaticamente as compras no exterior, pelo medo da alta.

Terá defeitos o plano do Sr. Sousa Dantas, que não chegue a expor, mas apenas a esboçar aí em cima; e, homem do interior, não me custa avaliar as dificuldades de sua aplicação, a interferência da politicalha, os expedientes dos "sabidos" etc. Mas o diabo é que não vejo perspectiva melhor. Continuar a atual política será difícil quando vier a safra 61-62. E "acabar com o confisco cambial" como quer o Sr. Carvalho Pinto me parece uma idéia excelente, que fala ao coração dos fazendeiros, mas cuja aplicação neste momento seria ruinosa, pois aviltaria os preços a um nível que nenhum aumento de exportação poderia compensar. (Creio, aliás, que o Sr. Jânio Quadros faria bem em explicar, para evitar dúvidas, que a eliminação do "confisco", por ele pregada, não é para execução imediata, mas para quando houver esperança de normalidade no mercado mundial).

Tôdas as idéias novas chocam um pouco — e muitas delas não prestam mesmo. Mas entre destruir cafézais, queimar safras ou armazená-las em tonelagens explosivas e inundar os mercados consumidores, essa destruição das floradas — que cada lavrador só fará se quiser — me parece uma solução de emergência cheia de bom-senso. Merece, pelo menos, ser discutida e com urgência — pelos entendidos e interessados. E estes últimos somos nós todos, brasileiros.

103